

234

A BOA VONTADE NA "FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES", SEGUNDO R. P. WOLFF. *Rodrigo Roceti Descalzo, Gerson Luiz Louzado (orient.) (UFRGS).*

O trabalho que aqui resumo constitui uma etapa de um projeto que busca estabelecer uma interpretação da Fundamentação da Metafísica dos Costumes, de Immanuel Kant. Com o objetivo intermediário de reunir, comparar e avaliar as interpretações já estabelecidas sobre os principais conceitos e passos argumentativos do texto kantiano em questão, empreende-se atualmente um exame detalhado do comentário crítico *The Autonomy of Reason*, de R. P. Wolff. Mais especificamente, o trabalho a ser apresentado é resultado de uma análise, individual porém orientada, da interpretação de Wolff do conceito – central para o argumento da Fundamentação, sobretudo nos parágrafos 1-16 da primeira seção – de boa vontade, sendo fruto também de seminários semanais, em que se discutia os textos da Fundamentação, de Wolff e dos demais comentadores. Conforme Wolff, Kant tenta provar, nos parágrafos 1-7, que nossas avaliações morais encontram fundamento no princípio de que somente a boa vontade é boa incondicionalmente. A bondade de tudo o mais é condicional – e, em âmbito moral, condicionada justamente pela boa vontade. Porém, ao comentar os parágrafos 8-16, que tratam do conceito de dever, Wolff afirma que, para Kant, existem duas espécies de boa vontade: uma condicionada, como nos homens e demais entes racionais limitados pela sensibilidade, e outra incondicionada, como nos entes perfeitamente racionais – a chamada vontade santa. É necessário compreender, portanto, como a boa vontade que os humanos supostamente são capazes de ter pode ser descrita simultaneamente como incondicional e condicional. Segundo Wolff, contudo, a doutrina da Crítica da Razão Pura torna o conceito de uma vontade limitada pela sensibilidade impossível e implica o colapso dos conceitos de vontade, boa vontade e vontade santa. (CNPq).